



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

A ARTE DA ORALIDADE NO CORPO E NA VOZ DE LUIZ MENDES

Fernanda Cougo Mendonça¹

INTRODUÇÃO

O presente artigo constitui uma tradução (ou uma transposição da oralidade para a escritura) da comunicação proposta para o Grupo de Trabalho “Literatura Oraís Amazônicas: Repertórios de Resistência” do X Simpósio Linguagens e Identidades da Universidade Federal do Acre - UFAC. Foi tecido no sentido de apresentar um pequeno recorte ou um breve panorama da pesquisa de mestrado realizada no Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagem e Identidade - PPGLI da UFAC (MENDONÇA, 2016). Pesquisa que tem como foco a pessoa de Luiz Mendes Nascimento. As memórias gravadas em seu corpo, e a voz poética que desse corpo emana. Uma voz que ressoa no interior e a partir da doutrina do Daime, de contextos amazônicos. E em contato/diálogo com esse ancião, conhecido como o orador do Mestre Irineu, me propus a revisitar alguns aspectos da “cultura daimista”. O estudo possui como referencial teórico-metodológico de base os Estudos Culturais conforme propostos por Stuart Hall (2003) e Raymond Williams (1979). A partir desses maestros, em um coral de muitas vozes, a pesquisa tem como principal referência o documento oral. E aqui Alessandro Portelli (2010) é quem dá o tom para a abordagem metodológica.

No processo da pesquisa me aproximo também das considerações de Benjamim (1994) acerca do narrador e de suas críticas ao capitalismo moderno e ao esvaziamento da experiência coletiva. Dialogo ainda com suas proposições relativas à tarefa do tradutor (2008). Com Jaques Le Goff (2013) e Pierre Nora (1993) me a coloco refletir sobre questões importantes acerca da memória. E com Antonacci (2014) inicio um mergulho em comunidades de tradição oral. No corpo, com suas memórias e voz. Na literatura oral como terreno de lutas simbólicas. E chego então,

¹ Mestra em Letras, Universidade Federal do Acre, cougo.fer@gmail.com



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

e que exercem "a função poética por excelência, a mitificação do vivido" (ZUMTHOR, 2010, p.141).

Assim, enfrentei o desafio de traduzir sua voz viva, suas memórias narradas, também vivas, seus saberes continuamente atualizados para a dissertação acadêmica, com seu formato gráfico, fixo, restrito, cheio de normas, prazos, etc... E traduzir, ainda, ao que essa produção verbal nos remete, procurando trazer à tona os ecos de um artista da voz em seu ofício manual que constitui a arte de narrar e seu pensamento daimista/amazônico/xamanístico. É preciso estar alerta para o fato de que nos trânsitos da performance oral para o registro gráfico, das memórias ancoradas nos corpos para os lugares de memória, do espaço sagrado das referidas doutrinas para os espaços profanos da universidade e do Estado, ocorrem rupturas basilares que, quando não problematizadas, são responsáveis em grande parte, por esvaziar, ou coisificar experiências pessoais e grupais. Talvez a explicitação dessas questões no texto já seja um começo. Para que o registro escrito não ganhe tom de "verdade" absoluta. Para que não vire instrumento de poder, de silenciamento.

Almejei ainda encontrar um caminho para além de oposições binárias e excludentes tais como oralidade/escritura, sagrado/profano, natureza/cultura, tradição/novidade, popular/erudito, saberes daimistas /ciência moderna; para além de hierarquizações de saberes, fazeres e seres. Binarismos e hierarquizações forjados a partir da razão moderna, de culturas atávicas e seus modelos homogeneizantes e etnocêntricos de "pertencimento cultural"; de seus discursos "orientados para a nação"; da sua busca por identidades e culturas puras (HALL, 2003). Discursos forjados por uma lógica, que só se coloca em relação ao "outro" para excluir, subordinar ou exterminar.

Contudo, diante da rica experiência vivenciada em campo preciso me conformar com a incompletude da pesquisa e da presente comunicação. Trata-se de uma experiência viva, dinâmica, onde memória e voz, saberes e fazeres se interpenetram e soam como o repicar de muitos sinos anunciando aos ouvidos atentos que a vida, em sua diversidade, não morreu. Soam como um coral de muitas



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Em consonância com a citação de Maria Antonieta Antonacci, em epígrafe, e adotando como referencial teórico-metodológico os Estudos Culturais conforme propostos por Hall (2013) e Williams (1979), meu olhar é direcionado aqui para as literaturas orais amazônicas, mais especificamente para a arte da oralidade no corpo e na voz de Luiz Mendes do Nascimento, o orador do Mestre Irineu. Cabe ressaltar que a partir dos referidos Estudos Culturais a linguagem é lida como uma produção humana subjetiva, que encerra tensões. A abordagem interdisciplinar desses teóricos nos convida a desconstruir e romper com a lógica que naturaliza narrativas hegemônicas, inclusive a repensar o conceito de literatura, e fazer soar gestos e vozes/produções silenciadas; literaturas não canônicas. Olhando por esse ângulo, a literatura oral é percebida como terreno de lutas simbólicas; lutas sociais e políticas no campo da linguagem; da memória, cultura/identidade. Quanto ao estudo da oralidade vale reforçar que:

Compreender a importância do oral na área de Letras corresponde também a dar um tratamento diferenciado ao que se entende por literário. O trabalho com oralidade, não é demais enfatizar, é, essencialmente, o trabalho com a voz. Dessa maneira, a literatura deixa de ser captada pelo seu sentido etimológico de *littera* (letra), ou seja, tudo o que está escrito, e passa a ser entendida *lato sensu* como cultura. Ela figura como uma espécie de arte do cotidiano. (Fernandes, 2013, p. XII)

E é justamente como arte do cotidiano que percebo as literaturas vivas, centrada na pessoa de Luiz Mendes e nas memórias ancoradas em seu corpo; na voz que desse corpos emana. Corpo e voz que trazem à tona sua poética, sua visão de mundo. Me volto, pois, para literaturas orais produzidas nas Amazônias onde a vida, e a linguagem narrativa, é perpassada por diferentes cosmologias, diferentes formas de percepção. E procuro nos distanciar de uma literatura que versa sobre essa vasta e diversificada região que se convencionou chamar “Amazônia”; literatura de *tema* amazônico, produzida a partir de um olhar externo que, na maioria dos casos, folcloriza as Amazônias, suas culturas e habitantes (PIZARRO, 2015).

Paul Zumthor (1993; 2005; 2010) evidencia em suas pesquisas e escrituras que o termo folclore é empregado por uma “elite literária” consolidada a



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

vivas. Ao penetrar na cultura daimista viva/vivida por Luiz Mendes, deparei-me com saberes/práticas/vozes que, embora sutilmente e dentro do processo de conformismo e resistência (CHAUI, 1997) subvertem padrões hegemônicos e podem contribuir para descolonizar as mentes. Saberes donde floresce a arte da oralidade e a poética daimista de Luiz Mendes do Nascimento, o orador do Mestre Irineu. Aí a doutrina do Daime se manifesta/é manifestada como cultura compósita (GLISSANT, 2005) que é, capaz de fazer o novo entrar no mundo.

REFERÊNCIAS

ANTONACCI, Maria Antonieta. **Memórias ancoradas em corpos negros**. 2. ed. São Paulo: Educ, 2014.

ALBUQUERQUE, Maria Betânia B. **Epistemologia e saberes da Ayahuasca**. Belém: EDUEPA, 2011.

BÁ, Hampâtê Amadou. **Amkoullel, o menino fula**. Tradução de Xina Smith de Vasconcellos. São Paulo: Pala Athena/Casa das Áfricas, 2003.

BARROS, Manuel. **Memórias inventadas: a segunda infância**. São Paulo: Planeta, 2006.

BENJAMIN, Walter. **A tarefa do tradutor**. In: BRANCO, Lucia Castello. (Org.) A tarefa do tradutor de Walter Benjamin: quatro traduções para o português. Tradução de Karlheinz Barck et.al. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2008.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre Literatura e História da Cultura**. Obras Escolhidas, volume 1. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CUNHA, Manuela Carneiro. **Pontos de vista sobre a floresta amazônica: xamanismo e tradução**. MANA, v.4, n. 1, pp. 7-22, 1998.

FERNANDES, Frederico A. G. (org.) **Oralidade e literatura: manifestações e abordagens no Brasil**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2013.

CHAU, Marilena. **Conformismo e Resistência: aspectos da cultura popular no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

